



O conto da ilha desconhecida

Mônia Kurrle Feller*

Resumo: *O Conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago. Uma obra que, assim como outras já produzidas pelo autor, pode ser compreendida mediante uma abordagem crítica à História Portuguesa. O passado e as antigas conquistas de Portugal culminam em diferentes concepções através dos personagens apresentados. O mar surge como elemento essencial de referência e identidade.

Abstract: *O Conto da Ilha Desconhecida*, by José Saramago is a story that, like other stories by this writer, shows a critical vision about the History of Portugal. The past and the ancient conquests of Portugal culminate in different conceptions through the presented personages. The sea arises like an essential element of reference and identity.

Palavras-chave: Literatura portuguesa; José Saramago; *O conto da ilha desconhecida*; identidade.

Keywords: Portuguese literature; José Saramago; *O conto da ilha desconhecida*; identity.

Certos textos encantam, surpreendem, desacomodam. Certos textos extraem o melhor da nossa atenção, do nosso poder de desprendimento e parecem fundamentar-se em um curioso pacto de cooperação e cumplicidade. *O conto da Ilha Desconhecida* condiz com tal descrição e mais: converte-se como elemento significativo e reflexivo da relação construída entre autor, leitor e sociedade.

Saramago, neste contexto específico analisado, oferece metáforas e representações fluidas e abertas, possibilitando distintas possibilidades de inferência. Este ensaio abordará a leitura que acredito melhor estabelecer um nexos entre o conto em questão e a identidade portuguesa. À parte do recorte que farei, é importante, porém, retomar as palavras de Barthes, o qual afirma:

Qualquer metáfora é um signo sem fundo e é esse longínquo do significado que o processo simbólico, na sua profusão, vai designar; o crítico não pode senão continuar as metáforas da obra, nunca reduzi-las. [...] É estéril tentar reduzir a obra a uma pura explicitude, uma vez que então não haveria imediatamente mais nada a dizer dela e que a função da obra não pode ser a de fechar os lábios dos que a lêem. [...] o que quer que se diga da obra, resta sempre, como no seu primeiro momento, linguagem, sujeito, ausência. (BARTHES, 1982, p.70)

Assim como destaca Souza (1986, p.6), “a literatura é objeto de uma problematização, de um questionamento.” É justamente a essa perspectiva que este ensaio convergirá. Muitos

* Mônia Kurrle Feller é graduada em Música pela UFRGS e cursa a Licenciatura em Letras (Português-Literatura Portuguesa) na mesma Instituição.

foram os que escreveram considerando, no conto, os personagens como um microcosmo único e particular de cada indivíduo. O próprio autor, em uma entrevista, destacou:

A ilha desconhecida somos nós próprios e, nesse conto, quando se pinta dos lados que o nome da caravela é Ilha Desconhecida, as últimas palavras são: "Com a maré do meio-dia, a caravela partiu à procura de si mesma." E, no fundo, é isso. Nós andamos à procura de nós próprios e essa busca pode tomar vários caminhos. (SARAMAGO. Acesso em 19/11/06)

Se a ilha desconhecida pode ser considerada como uma analogia comum à natureza subjetiva e inerente de cada pessoa, e que a estas pessoas se soma um todo coletivo, teremos então uma segunda possibilidade de compreensão, constituída, portanto, sobre um *macrocosmo*. A partir de poucos exemplos, tais como *O ano da morte de Ricardo Reis*, *História do cerco de Lisboa* e *Memorial do Convento*, fica visível a postura que Saramago assume frente a seu tempo e a seu país. Um de seus traços mais significativos é o posicionamento social e crítico que assume; a consciência de que a literatura origina-se do contexto onde foi concebida e a esse se relaciona. Nas palavras de Tutikian:

Saramago adere à história oficial para, pela ficção, revelar as suas histórias, as que inauguram a contra imagem, presentificando o passado por olhos profundamente críticos. A verdade da história, Saramago acresce a verdade da ficção que, não raras vezes, termina sendo coincidente com a própria verdade da vida. (TUTIKIAN, 1995, p.45)

A partir disso, é possível - porque não? -, elaborar uma leitura baseada sob a ótica de que *O conto da ilha desconhecida* possui uma estreita relação com Portugal. Fundamentadas nesse aporte reflexivo, as metáforas usadas na obra assumem uma dimensão marcante, pois estão alicerçadas profundamente na formação, no percurso e na construção da identidade portuguesa, como veremos no decorrer desta pesquisa.

Portugal constituiu-se perante a concepção de império, desbravando novas terras e conquistando riquezas, além de uma visão claramente messiânica de mundo, como bem percebemos nos sermões de Padre Antônio Vieira: "É verdade que Portugal era um cantinho ou um canteirinho da Europa: mas nesse cantinho de terra pura e mimosa de Deus. Nesse cantinho quis o céu depositar a fé, que dali se havia de derivar a todas essas vastíssimas terras" (VIEIRA, 2001, p.286).

Gradativamente amalgamou-se a este país uma identidade muito específica, não somente popular, portanto, mas elemento fundamental claramente difundido como expressão de intelectuais e governantes, conforme salienta Lourenço:

O sonho messiânico, esse, desenrolar-se-á sem entravés no seu espaço interior, de Luís de Camões ao padre Antônio Vieira e a Pessoa, ou do infante D.Henrique ao mais banal dos seus governantes. [...] Essa identidade mística, razão da sua estranheza e do seu mistério, é o seu céu e a sua cruz. (LOURENÇO, 1999, p. 89)

Portugal tornou-se um país de conquistas e glórias justamente através do *mar*. São as antigas navegações que se consagraram em motivo de tradição e orgulho; os barcos foram celebrados como símbolos nacionais; os marinheiros, eternizados nos poemas de grandes escritores como Camões e Fernando Pessoa. De acordo com Lourenço: “Talvez todos os povos existam em função de certo momento solar que confere sentido e euforia magicamente a memória do que são: mas poucos com tanto radicalismo e constância como o povo português”. (LOURENÇO, 1994, p.10-11) Mesmo atualmente, quando novas contingências sobrevieram ao país, dando origem a uma realidade bastante diferente daquelas louvadas em tempos memoriais, esse continua vivendo de lembranças e antigas realizações na esperança de que, algum dia, volte a ser o que era. Portanto, o mesmo *mar* surge duas vezes associado à História: quando propiciou a ascensão de um povo e toda uma identidade consagrada mediante isso e, no revés dos anos trazidos, quando se tornou reflexo de uma nação que já não sabe seu lugar no mundo, recusa-se a viver o presente e permite-se estar à deriva. Diante desses fatos, Saramago tenta recontar uma história diferente sobre uma terceira possibilidade de se compreender esse símbolo tão *sui generis*: o mar como mobilidade, significando referência, levando experiências e trazendo novas oportunidades. Constituir-se-ia como a realidade que precisa ser enfrentada e aceita para ser transformada.

Outra metáfora que de maneira intrínseca se alia a esta perspectiva é a da ilha. Essa é uma imagem rica de significações, usada freqüentemente na filosofia, na psicologia, nas expressões populares e na literatura em geral. Neste conto, muitas seriam as possibilidades de leitura que ela implicaria. A que me parece mais coerente com a pesquisa realizada e, também, por corroborar para uma maior legitimação da mesma, é a de que Portugal personifica, por si próprio, a figura em questão. Este país pode ser compreendido desta maneira principalmente devido a razões históricas: "Tempo glorioso dos Descobrimentos ou infeliz de Alcácer Quibir – Portugal, imerso com doçura no mundo, natural e sobrenaturalmente maravilhoso, converteu-se em *ilha da saudade*." (LOURENÇO, 1999, p. 93).

Ilha da saudade: termo que define bem a contingência portuguesa na atualidade, um constante torcicolo ao passado, resultando em “um presente que ainda não possui suas raízes, pátria, portanto, sem uma existência real” (PEREIRA et al., 2002, p. 80). Essa seria a analogia de um país que, conforme percebemos no conto em questão, se conformou em si mesmo. A partir disso, o presente assume perspectivas contraditórias posto que não se fundamenta sobre a descoberta, a busca e a consolidação de novos empreendimentos. O conceito de identidade

existente é reflexo desse contexto, consolidado por memórias, as quais, curiosamente um dia, também já significaram incerteza e aventura.

Rosemere Ferreira da Silva (Acesso em 19/11/06) observa que “os personagens não têm nomes definidos, apenas as profissões parecem marcar suas posições interpretativas na narrativa; talvez transpareça no enredo como uma articulação estilística necessária.” Dessa maneira, indivíduos aparentemente centrados em determinadas características pessoais e subjetivas acabam por delimitar modelos que relacionam atitudes abrangentes de comportamento, valores e papéis sociais. Em uma realidade tão específica quanto a descrita, personagens assim delineados adquirem proporções significativas para a compreensão do contraponto estabelecido entre a ilha da saudade e o movimento de ruptura proposto pelo homem que queria um barco.

Representando a manutenção de um sentimento saudosista e restrito a mudanças, tem-se um conjunto de fatores que se sustentam, principalmente, através da ordem social estabelecida pelo rei. Ele vive de títulos e glórias passadas, possui o poder institucionalizado e os barcos. Tanto se orgulha de suas conquistas que, mesmo sem perceber, é na verdade dependente do que possui. (SARAMAGO, 1998, p.18). Torna-se refém de seus patrimônios e títulos a ponto de não importar-se em ajudar o povo, principalmente por ser mais fácil estabelecer hierarquias do que defrontar-se com a diferença. Percebemos que almeja a comodidade, quer os benefícios de seu cargo, porém sem as implicações que essa situação acarreta, sem as petições de seus súditos, nem qualquer outro aborrecimento. Mantendo a mesma postura desse rei, fica também perceptível a figura do capitão e dos marinheiros. Eles são aqueles que detêm o conhecimento, tendo como profissão a relação íntima com o mar; mesmo estando aptos a navegar, acabam cegando-se em seu conforto, vivendo do que os anos passados lhes outorgaram, anestesiados ao que lhes era essencial.

Ambos, o rei, o capitão e os demais marinheiros, vivem de um Portugal congelado no tempo e valem-se de seus cargos na tentativa de tornarem verdade a crença de que nada mais além poderia ser buscado. Defendem a concepção de que “já não há ilhas desconhecidas, estão todas nos mapas”. (SARAMAGO, 1998, p.17). Esqueceram de quando navegavam sem recursos cartográficos e de quando eles próprios os fizeram. Eles têm em sua memória os atos corajosos de seus heróis, porém em quase nada se parecem com eles. Isso, porque antes existiam homens que viviam para enfrentar o mar e, no presente, restaram apenas aqueles que se contentavam em observá-lo dos portos. O presente sempre se manifesta como um compromisso de risco constante, implica tomar partido, posicionar-se, expor idéias e deixar-se por vezes transformar por elas. É só assim que pessoas e sociedades se fortalecem, caminhos

são postos à prova, e conquistas tornam-se dignas de serem lembradas. Porém, no momento em que isso deixa de acontecer, todo e qualquer sentimento de tradição e saudade perde sentido e torna-se um movimento circular, sem gerar reflexão nem realização plena. Padre Antônio Vieira, em seus sermões, ressaltou justamente a relevância de uma atitude de despreendimento e o quanto, através disso, foi conquistado por Portugal:

Porque o caminho que fizeram os portugueses era caminho que ainda não estava feito. Por mares nunca dantes navegados, Deus abriu o caminho aos Portugueses, e os Portugueses o abriram a outras nações. Mareavam sem carta, porque eles haviam de fazer a carta de marear. As suas vitórias arrumaram as terras, os seus perigos descobriram os baixos; a sua experiência compassou as alturas; a sua resistência examinou as correntes. Navegavam sem carta nem roteiro, por novos mares, por novos climas, com ventos novos, com Céus novos e com Estrelas novas. (VIEIRA, 2001, p.287)

O homem que queria um barco, bem como a mulher da limpeza que decide o seguir, são o elemento diferenciador na narrativa: aqueles que assumem o papel de descontentamento com a realidade presente e a relativizam. São eles, que não possuem o poder e os barcos de domínio do rei, nem o conhecimento e a experiência dos marinheiros, que decidem buscar a ilha desconhecida, não conformados apenas com as que já existiam. Isso, porque tinham o essencial: a vontade, o despreendimento, o desejo de mudança. Esses dois personagens demonstraram que o passado pode ser lembrado através de diferentes concepções, duas as quais ficam claramente expostas no conto em questão. Uma, representada através do rei e dos marinheiros, concretizada na estabilidade daquilo que já foi conquistado: “não iriam eles tirar-se do sossego dos seus lares e da boa vida dos seus barcos de carreira para se meterem em aventuras oceânicas, à procura de um impossível.” (SARAMAGO, 1998, p.39). A outra, a qual seguiram, fundamentada não a partir do que outros disseram ser apropriado e mais sensato, mas alicerçada pessoalmente por aquilo em que se acredita, a realidade como resultado da equação entre o que se quer, o que se é e a maneira em que, portanto, acaba-se agindo. Mediante essa segunda perspectiva, a tradição se constitui em respeito às memórias e às raízes, porém não se torna um fim em si mesma nem um empecilho para que outros meios e vivências sejam encontrados:

Homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas, Mas tu, se bem entendi, vais à procura de uma onde nunca ninguém tenha desembarcado, Sabê-lo-ei quando lá chegar. (SARAMAGO, 1998, p.27)

É possível afirmar, enfim, a existência de dois retratos de Portugal nesse conto, ambos referentes à associação de ilha como metáfora do mesmo. A primeira imagem, conforme já citado anteriormente, consiste em Portugal como *ilha da saudade*, simbolizado nas ilhas conhecidas, que estão no mapa, vivenciado pelo rei, pelos marinheiros: aqueles que vivem do

passado e do desgaste do tempo presente. Lourenço (1999, p. 91), frente a esse contexto específico, assim define os portugueses: “povo de uma nostalgia sem verdadeiro objecto, devido ao seu destino de povo marítimo, viajante, separado de si mesmo pelas águas do mar e do tempo.” A segunda imagem seria um Portugal concebido como *a ilha desconhecida*. O homem que queria um barco almejando saber quem ele seria quando lá estivesse, nada mais é senão o povo português querendo saber que país terá quando, não mais na terra firme do que já possuiu um dia, lançar-se nas águas do presente, da realidade sem máscaras. A aceitação do que se foi, do que se pode ser e, a partir disso, a busca por uma nova identidade: “num julgamento moral em situação não se pode deixar de entrar em linha de conta com o contexto; num julgamento moral em situação, não se pode descartar a situação.” (FAFE, 1993, p.145)

Saramago (1998, p. 24) afirma: “É deste modo que o destino costuma comportar-se conosco, já está mesmo atrás de nós, já estendeu a mão para tocar-nos o ombro, e nós ainda vamos a murmurar, Acabou-se, não há mais que ver”. O presente oferece inúmeras direções a Portugal, demonstrando que as grandes navegações não terminaram, que nem todas as terras foram descobertas, ao contrário: apenas tomaram diferentes feições. *O conto da ilha desconhecida* consiste, portanto, em uma literatura crítica que reconta, sugere e ficcionaliza um universo possível. Segundo Tutikian (1995, p.45) “viver a contemporaneidade é também perceber que o tempo do fascínio absoluto foi ultrapassado por um diálogo mais democrático com a tradição.” Uma relativização histórica e cultural que consiste na busca constante, indispensável e inerente do homem para que este possa, de maneira consciente, inventar e reinventar a sociedade em que vive de acordo com a época e o contexto que a permeiam.

Referências

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

FAFE, José Fernandes. *Portugal meu remorso de todos nós*. Lisboa: Caminho, 1993.

LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999.

_____. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da Lusofonia*. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1999.

_____. *Nós e a Europa ou as duas razões*. 4. ed. aum. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

PEREIRA, Edgard; OLIVEIRA, Paulo Motta & OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. *Intersecções: ensaios de Literatura Portuguesa*. Campinas: Komedi, 2002.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *In: O artesão inquieto da língua portuguesa*. Entrevista por Vitor Casimiro. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0047b.asp>. Acesso em 19 de novembro de 2006.

SILVA, Rosemere Ferreira da. As estratégias discursivas na construção do sujeito histórico, através da literatura engajada de José Saramago, Uanhenga Xitu e Severo DÁcelino. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/04/pdf/rsilva.pdf>. Acesso em 19 nov. 2006.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Ática, 1986.

TUTIKIAN, Jane. Na História com Saramago (Levy, Ubaldo, Camões, Pessoa). *Caderno do IL UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, jul. 1995.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. São Paulo: Hedra, 2001. v.1.